

# RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS DE ATLETISMO: UM ESTUDO COMPARATIVO

## *RESILIENCE IN PARALYMPIC ATHLETES IN ATHLETICS: A COMPARATIVE STUDY*

Larissa Tiburcio Lellys

Ozéas Lima

Gabriel Lucas Morais Freire

Nathan Leonardo Gomes Costa

Lenamar Fiorese

José Roberto Andrade do Nascimento Junior

*Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, PE, Brasil.*

*Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.*

*Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, Brasil.*

### Resumo

O objetivo do presente estudo foi comparar a resiliência em função do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência em atletas paralímpicos de atletismo. Fizeram parte deste estudo 107 atletas paralímpicos participantes da Etapa Norte/Nordeste de Atletismo 2020. Dentre eles, 92 eram do sexo masculino e 15 do sexo feminino. A média de idade foi de  $31,25 \pm 12,80$  anos e o tempo de prática de  $8,60 \pm 4,46$  anos. Como instrumentos, foi utilizada a escala de resiliência Connor-Davidson (CD-RISC-10). A análise de dados foi conduzida por meio dos testes de Kolmogorov-Smirnov e t independente ( $p < 0,05$ ). Os resultados mostraram que atletas paralímpicos de atletismo percebem altos níveis de resiliência independente do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência. Conclui-se que independentemente do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência, os atletas paralímpicos de atletismo apresentam altos escores de resiliência.

**Palavras-chave:** Atividade Motora Adaptada. Resiliência. Esporte Paralímpico. Psicologia do Esporte.

### Abstract

The aim of the present study was to compare the resilience among paralympic athletes in athletics according to gender, type of event, age, time of practice and etiology of disability. Were part of this study 107 paralympic athletes participants in the North/Notheast on Brazilian Athletics Championship 2020. Among them, 92 were male and 15, female. The average age was  $31,25 \pm 12,80$  years and the time of practice was  $8,60 \pm 4,46$  years. Data analysis was conducted using the Kolmogorov-Smirnov and independent t tests ( $p < 0.05$ ). The results showed that Paralympic athletics athletes perceive high levels of resilience regardless of gender, type of event, age group, time of practice and etiology of disability. It is concluded that regardless of gender, type of event, age group, time of practice and etiology of disability, Paralympic athletics athletes have high resilience scores.

**Keywords:** Adapted Motor Activity. Resilience. Paralympic Sport. Psychology Sport.

## 1 Introdução

O desempenho do Brasil nas últimas edições dos Jogos Paralímpicos vem destacando o potencial brasileiro, com foco desde a iniciação esportiva até os níveis mais competitivos mais altos, chamando a atenção de várias áreas do conhecimento (BARYAEV; SHELKOV; EVSEEV, 2008; BERTOLDI *et al.*, 2018). A modalidade de maior visibilidade é o atletismo pois, após ter garantido 28 das 72 medalhas que o Brasil obteve nas Paralimpiadas de Tóquio 2020, deixou esta modalidade em evidência nos meios de comunicação (BRASIL, 2021). No atletismo, há uma grande exigência no que diz respeito à capacidade técnica e esforço de alta intensidade, aspectos que acabam requerendo elevadas capacidades física e psicológica para lidar com as demandas de treinamentos e competições (VALOVICH *et al.*, 2009).

Tais demandas provenientes do esporte de excelência exigem preparação e dedicação do atleta de alto rendimento (STEPHENSON *et al.*, 2019), tornando o fator psicológico um diferencial decisivo para o sucesso no contexto esportivo (CHAN *et al.*, 2015). É sabido que o envolvimento autônomo de atletas paralímpicos pode ser explicado por atributos psicológicos como a resiliência, a qual consiste na adaptação e resolução de situações de risco diante dos processos cognitivos, emocionais e comportamentais (FREIRE *et al.*, 2021). No contexto esportivo, a resiliência é um processo dinâmico e multifatorial que envolve a capacidade pessoal do indivíduo de apresentar um desenvolvimento saudável, mesmo tendo passado por situações de risco (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2021). Desta maneira, a resiliência surge como um fator psicológico de fundamental importância, ajudando os atletas na adaptação e superação das demandas estressantes do contexto esportivo de alto rendimento (SARKAR, 2017).

Estudos têm mostrado que atletas paralímpicos de diversas modalidades apresentam altos escores de resiliência (FREIRE *et al.*, 2021; FREIRE *et al.*, 2020; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2021; MARTIN *et al.*, 2015; MACHIDA *et al.*, 2013a). Em estudo desenvolvido com atletas de basquete em cadeira de rodas, Martin *et al.*, (2015) constatou que paratletas com altos scores de resiliência tendem a estar mais envolvidos com o esporte e possuem uma melhor qualidade de vida. Já Machida *et al.*, (2013b), em seu estudo com atletas de rugby em cadeiras de rodas, observou que o apoio de familiares, colegas de equipe e treinadores foi essencial para o desenvolvimento da resiliência. Outro estudo relata, ainda, a relação positiva da resiliência na regulação intrínseca de paratletas, indicando que a habilidade de lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas favorece o engajamento individual do paratleta, promovendo mais prazer e satisfação com a prática esportiva (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2021).

Diante destas perspectivas, o objetivo do presente estudo foi investigar como a resiliência se apresenta em atletas paralímpicos de atletismo, comparando-a em função do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência. Tendo em vista que são escassos os estudos que tratam da resiliência no contexto do paradesporto de rendimento, compreender como a mesma se apresenta nos atletas de modalidades paralímpicas é de fundamental relevância para municiar os profissionais que trabalham com este público, auxiliando-os no direcionamento das intervenções que buscam o desenvolvimento destes atletas. Este estudo pretende fornecer informações que auxiliem esta compreensão.

## **2 Método**

### **2.1 Desenho do estudo**

Trata-se de um estudo descritivo com delineamento transversal e investigação metodológica (ATO; LÓPEZ-GARCÍA; BENAVENTE, 2013). O estudo foi desenvolvido através das diretrizes STROBE (*Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology*) (MALTA *et al.*, 2010).

### **2.2 Participantes**

Fizeram parte deste estudo 107 atletas paralímpicos participantes da Etapa Norte/Nordeste de Atletismo 2020. Dentre eles, 92 eram do sexo masculino e 15 do sexo feminino. A média de idade foi de  $31,25 \pm 12,80$  anos e o tempo de prática de  $8,60 \pm 4,46$  anos. Os participantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: 1) Ser atleta há mais de 1 ano; e 2) Já ter participado de competições de nível estadual ou nacional. Somente participaram do estudo os indivíduos que tiverem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, e que verbalmente manifestaram o desejo de participar da pesquisa. Os participantes foram selecionados de forma não-probabilística e por conveniência.

### **2.3 Instrumentos**

Foi utilizado um questionário semiestruturado pelos próprios pesquisadores para obtenção de informações referentes à idade do atleta, sexo, etiologia da deficiência, classificação funcional, sexo, escolaridade, nível tempo de prática (em anos), nível competitivo, tempo com o treinador (em anos) e tempo dedicado ao treinamento (em dias na semana).

O nível de resiliência foi avaliado através da escala de resiliência Connor-Davidson (CD-RISC-10), que foi desenvolvida por Campbell-Sills e Stein (2007) e validada para o contexto geral brasileiro por Lopes e Martins (2011). Esta escala consiste em 10 itens que são respondidos em uma escala likert de cinco pontos. O resultado é uma pontuação de 0 a 40 pontos, o que indica do mais baixo ao mais alto nível de resiliência. A confiabilidade da escala foi  $\alpha = 0,87$ , indicando forte confiabilidade (Hair *et al.*, 2019).

## 2.4 Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos sob o parecer nº 3.732.444, com CAAE: 18178819.0.0000.5196. Em seguida a pesquisadora entrou em contato com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e com os diretores e treinadores das equipes, com o intuito de esclarecer os objetivos e procedimentos da pesquisa e obter anuência. A coleta de dados ocorreu durante a Etapa Norte/Nordeste de Atletismo no ano de 2020, realizada na cidade de Recife/PE. Os instrumentos foram aplicados no hotel em que os atletas estiveram hospedados em dias e horários disponibilizados pelos atletas e seus técnicos. Os questionários foram aplicados sem a presença dos treinadores. O tempo médio de preenchimento foi de 20 minutos.

## 2.5 Análise dos dados

A análise de dados foi realizada através de estatísticas descritivas e inferenciais. A análise preliminar dos dados foi realizada por meio do teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e o teste de homogeneidade das variâncias de Levene. Como os dados apresentaram distribuição normal, a média (M) e o desvio padrão (DP) foram usados para a caracterização dos resultados. Foi utilizado o teste t independente para a comparação da resiliência em função do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência. Para a comparação resiliência em função da faixa etária e do tempo de prática, os praticantes foram divididos em dois grupos de acordo com o processo de “Median Split” conforme a classificação a seguir: 1) Faixa etária: até 31 anos (n=50) e mais de 31 anos (n=57); e 2) Tempo de prática: até 6 anos (n=50) e mais de 6 anos (n=57). Todas as análises foram conduzidas no software SPSS 22.0, adotando-se um nível de significância de  $p < 0,05$ .

### 3 Resultados

Ao comparar o nível da resiliência em função do sexo (Tabela 1), não houve diferença significativa entre os grupos, indicando que atletas paralímpicos de atletismo de ambos os sexos apresentaram alta resiliência.

Tabela 1 - Comparação da resiliência pelo esporte dos paratletas em função do sexo

VARIÁVEIS	Sexo		p
	Masculino (n=92) M (DP)	Feminino (n=15) M (DP)	
<b>Resiliência</b>	30,38 (5,40)	28,73 (6,97)	0,29

Fonte: elaboração própria

Diferença significativa: \*p < 0,05. Teste t Independente

Conforme os resultados da Tabela 2, não se verificou diferença significativa na resiliência entre os atletas de provas de pista e campo. Ressalta-se que os atletas de ambos os grupos de prova apresentam altos escores de resiliência.

Tabela 2 - Comparação da resiliência dos atletas em função do tipo de prova

VARIÁVEIS	Tipo de Prova		p
	Pista (n=21) M (DP)	Campo (n=27) M (DP)	
<b>Resiliência</b>	30,00 (5,52)	30,30 (5,79)	0,78

Fonte: elaboração própria

Diferença significativa: \*p < 0,05. Teste t Independente

Ao comparar o nível da resiliência em função das faixas etárias (Tabela 3), não houve diferença significativa entre os grupos, indicando que atletas paralímpicos de atletismo de ambas as faixas etárias apresentaram alta resiliência.

Tabela 3 - Comparação da resiliência dos atletas em função da faixa etária

VARIÁVEIS	Faixa Etária		p
	Até 31 anos (n=57) M (DP)	Mais de 31 anos (n=50) M (DP)	
<b>Resiliência</b>	30,85 (5,53)	29,34 (5,70)	0,16

Fonte: elaboração própria

Diferença significativa: \*p < 0,05. Teste t Independente

Conforme os resultados da Tabela 4, não se verificou diferença significativa no que diz respeito ao tempo de prática. Destaca-se que os atletas de ambos os grupos de tempo de prática apresentam altos escores de resiliência.

Tabela 4 - Comparação da resiliência dos atletas em função do tempo de prática

VARIÁVEIS	Tempo de Prática		p
	Até 6 anos (n=57) M (DP)	Mais de 6 anos (n=50) M (DP)	
<b>Resiliência</b>	30,54 (5,65)	29,70 (5,64)	0,44

Fonte: elaboração própria

Diferença significativa: \*p < 0,05. Teste t Independente

Na comparação da resiliência em função da etiologia da deficiência (Tabela 5), não houve diferença significativa entre os grupos, indicando que atletas paralímpicos de atletismo de ambas as etiologias apresentaram alta resiliência.

Tabela 5 - Comparação da resiliência dos atletas em função da etiologia da deficiência

VARIÁVEIS	Etiologia da Deficiência		p
	Congênita (n=45) M (DP)	Adquirida (n=62) M (DP)	
<b>Resiliência</b>	30,42 (5,40)	29,78 (5,73)	0,56

Fonte: elaboração própria

Diferença significativa: \*p < 0,05. Teste t Independente

#### 4 Discussão

O objetivo do presente estudo foi comparar a resiliência em função do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência em atletas paralímpicos de atletismo. Os resultados encontrados mostraram não haver diferença significativa entre os grupos comparados, demonstrando assim que, independentemente do sexo, tipo de prova, faixa etária, tempo de prática e etiologia da deficiência, os atletas paralímpicos de atletismo apresentam altos escores de resiliência.

Os achados são relevantes, uma vez que são necessárias mais evidências científicas sobre como a resiliência se apresenta no contexto do paradesporto de alto rendimento. Na comparação da resiliência em função do sexo, destaca-se que tantos

atletas paralímpicos do sexo masculino quanto feminino apresentam altos escores de resiliência (Tabela 1). Tais achados mostram que, independentemente do sexo, os atletas paralímpicos de atletismo mostraram ser resilientes, demonstrando que lidam com as exigências do contexto esportivo como oportunidades de crescimento e desafios a serem superados. Corroborando com nossos achados, Freire *et al.* (2020) observaram que atletas paralímpicos de atletismo e natação apresentavam altos escores de resiliência em ambos os sexos. Por outro lado, estudo de Freire *et al.* (2021) observou que os atletas paralímpicos de atletismo do sexo masculino se mostraram mais adaptáveis e tolerantes perante as adversidades do contexto esportivo e da vida. Em contrapartida, Oliveira (2018) identificou as mulheres como sendo mais resilientes do que os homens, explicando a resposta mais resiliente das mulheres pela sua trajetória histórica de lutas e superação através do esporte. Assim, pesquisas futuras devem investigar mais a fundo a relação entre o sexo e a resiliência dentro do contexto esportivo.

No que diz respeito à comparação da resiliência entre as faixas etárias (Tabela 3) e tempo de prática (Tabela 4), os resultados apontam que, independentemente da idade e tempo de prática, os atletas paralímpicos de atletismo demonstram alta capacidade de lidar com problemas, adaptar-se às mudanças, superar obstáculos e/ou resistir à pressão de situações adversas dentro e fora do contexto esportivo, o que pode ter influência no processo de avaliação de situações estressoras, nas respostas geradas e nos comportamentos adotados dentro do contexto de treinamento e competição (SARKAR, 2017; SARKAR; PAGE, 2022). Corroborando com os achados da presente investigação, Freire *et al.* (2020) observaram em atletas paralímpicos de atletismo e natação que, independentemente da idade, os atletas paralímpicos apresentavam altos níveis de resiliência. Mauerberg-DeCastro (2016) destaca que uma característica pertinente ao esporte paralímpico é a participação de atletas com mais de 30 anos. O tempo de prática do indivíduo pode possibilitar o desenvolvimento de uma visão positiva de si mesmo e, ainda, uma diminuição da sensação de vulnerabilidade associada à deficiência, auxiliando no seu processo adaptativo. A maturidade, nesses casos, talvez seja um fator determinante para que atletas com mais experiência tenham mais controle sobre suas ações, adaptando-se melhor diante dos estressores.

Por fim, na comparação entre os tipos de deficiência, os achados demonstram que tanto atletas com deficiência adquirida quanto congênita apresentam altos escores de resiliência (Tabela 5). Por outro lado, Freire *et al.* (2021) ressaltaram que atletas paralímpicos de atletismo com deficiência adquirida apresentam escores superiores de resiliência. Em contrapartida, Oliveira (2018) identificou atletas com deficiência congênita com características mais resilientes. Este resultado sugere que estes atletas podem apresentar maior adaptação às adversidades devido à condição de deficiência ser vivenciada desde o nascimento, não tendo, assim, outra experiência de vida. Esta adaptação à adversidade em atletas com deficiência congênita contribui para o processo

de reabilitação e, conseqüentemente, para o seu desempenho esportivo, o que pode resultar, inclusive, em uma revisão da sua classificação funcional.

## 5 Conclusão

Pode-se concluir que atletas paralímpicos de atletismo apresentaram altos escores de resiliência independentemente do sexo, tipo de prova, faixa etária, idade, tempo de prática e etiologia da deficiência. Diante destas perspectivas, é importante destacar o potencial que o esporte possui no desenvolvimento de variáveis psicológicas como a resiliência em atletas de modalidades paralímpicas, favorecendo, assim, a superação das adversidades tanto dentro quanto fora no contexto esportivo.

Apesar das contribuições para literatura, o presente estudo apresenta algumas limitações que valem a pena ser consideradas. Primeiro, por se tratar de um estudo transversal, os dados não permitem inferências de causalidade. Além disso, a quantidade de participantes não permitiu algumas comparações como, por exemplo, níveis de desempenho, vencedor e perdedor. Ainda no que tocante às limitações deste estudo, não foram avaliados atletas paralímpicos de outras modalidades individuais, nem atletas paralímpicos de modalidades coletivas, o que não possibilita a generalização dos resultados para praticantes de todas as modalidades paralímpicas. Por último, destaca-se que não foram investigadas as demais experiências vivenciadas pelos atletas paralímpicos de atletismo em outros contextos e sabe-se que todas as experiências cotidianas podem influenciar o desenvolvimento de resiliência. Desta forma, futuras investigações devem realizar estudos longitudinais, os quais possam fazer diversas medidas de resiliência em diferentes contextos.

## Referências

- ATO, M.; LÓPEZ-GARCÍA, J. J.; BENAVENTE, A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología /Annals of Psychology*, v. 29, n. 3, p. 1038-1059, 2013.
- BARYAEV, A.; SHELKOV, O.; EVSEEV, S. In: PARALYMPIC GAMES 2008 IN BEIJING: the analysis of results, 13., 2008. *Annual Congress of the European College of Sport Science...* 2009. p. 24-27.
- BERTOLDI, R. et al. Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. *Motricidade*. Ribeira de Pena. v. 14, n. S1, p. 254-262, 2018.
- BRASIL. *Jogos Paralímpicos de Tóquio encerram com recorde de ouros para o Brasil*. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2021/09/jogos-paralimpicos-de-toquio-encerram-com-recorde-de-ouros-para-o-brasil>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- CAMPBELL-SILLS, L.; STEIN, M. B. Psychometric analysis and refinement of the connor–davidson resilience scale (CD-RISC): Validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of The International Society for Traumatic Stress Studies*, v. 20, n. 6, p. 1019-1028, 2007.

- CHAN, D. K. C. *et al.* Self-determined motivation in sport predicts anti-doping motivation and intention: A perspective from the trans-contextual model. *Journal of Science and Medicine in Sport*, v. 18, n. 3, p. 315–322, 1 maio 2015.
- FLETCHER, D.; SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. *Psychology of Sport and Exercise*, A Sport Psychology Perspective on Olympians and the Olympic Games. v. 13, n. 5, p. 669-678, 1 set. 2012.
- FREIRE, G. L. M. *et al.* Qualidade do relacionamento com o treinador e resiliência de atletas paralímpicos de atletismo e natação. *Psicologia e Saúde em debate*. 2020. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N1A12>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- FREIRE, G. L. M. *et al.* Relacionamento com o treinador e resiliência de atletas paralímpicos de atletismo: a etiologia da deficiência como um fator interveniente. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 9, n. 1, 26 fev. 2021.
- LOPES, V. R.; MARTINS, M. do C. F. Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC-10) para brasileiros. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 11, n. 2, p. 36-50, 2011.
- MACHIDA, M.; IRWIN, B.; FELTZ, D. *Resilience in competitive athletes with spinal cord injury: The Role of Sport Participation*, 2013a. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1049732313493673>. Acesso em: 4 jan. 2023a.
- MACHIDA, M.; IRWIN, B.; FELTZ, D. Resilience in Competitive Athletes with Spinal Cord Injury: The Role of Sport Participation. *Qualitative Health Research*, v. 23, n. 8, p. 1054 -1065, 1 ago. 2013b.
- MALTA, M. *et al.* Iniciativa STROBE: subsídios para a comunicação de estudos observacionais. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, p. 559-565, 2010.
- MARTIN, J. *et al.* Gritty, hardy and resilient: predictors of sport engagement and life satisfaction in wheelchair basketball players. *Journal of clinical sport psychology*, v. 9, 1 dez. 2015.
- MAUERBERG-DECASTRO, E. *et al.* Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 17, n. 02, 2016.
- NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. DO *et al.* O papel da resiliência sobre a motivação de paratletas brasileiros de atletismo e natação. *Journal of Physical Education*, v. 32, 5 maio 2021.
- OLIVEIRA, M. F. T. DE. Resiliência em atletas paralímpicos no esporte de alto rendimento. 25 abr. 2018.
- SARKAR, D. M. *Psychological resilience: definitional advancement and research developments in elite sport*. 2017.
- SARKAR, M.; PAGE, A. E. Developing individual and team resilience in elite sport: research to practice. *Journal of Sport Psychology in Action*, v. 13, n. 1, p. 40-53, 2 jan. 2022.
- STEPHENSON, B. T. *et al.* A Multifactorial assessment of elite paratriathletes' response to 2 weeks of intensified training. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, v. 14, n. 7, p. 911-917, 1 ago. 2019.
- VALOVICH MCLEOD, T. C. *et al.* Recent Injury and Health-Related Quality of Life in Adolescent Athletes. *Journal of Athletic Training*, v. 44, n. 6, p. 603-610, 1 nov. 2009.

## Notas sobre os autores

Larissa Tiburcio Lellys

Discente do Curso de Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, Brasil.

e-mail: laralellys@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4551-8458>

Ozéas Lima

Docente do Curso de Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, Brasil.

e-mail: ozeaslima@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9179-3581>

Gabriel Lucas Morais Freire

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil.

e-mail: bi88el@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0589-9003>

Nathan Leonardo Gomes Costa

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Brasil.

e-mail: costanathan26@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6916-5944>

Lenamar Fiorese

Docente do Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Brasil.

e-mail: lenamarfiorese@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1610-7534>

José Roberto Andrade do Nascimento Junior

Docente do Curso de Educação Física, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Brasil.

e-mail: jroberto.jrs01@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3836-6967>

Recebido em: 05/01/2023

Reformulado em: 22/02/2023

Aceito em: 23/02/2023